

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 2 • N.º 3 • MARÇO 93

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Modernidade, Racismo e Ética Pós-Convencional*

ANTÓNIO MANUEL MARTINS - *Incomensurabilidade e Holismo em T. S. Kuhn*

J. ENCARNAÇÃO REIS - *A Função do Estético*

EDMUNDO BALSEMÃO PIRES - *Categorias e Semiosis. Notas introdutórias ao Pensamento do individual em Ch. S. Peirce*

FERNANDO RAMOS - *A Ontologia Personalista de M. Nédoncelle*

teoria da redundância da verdade. Por outro lado, sob o ponto de vista da análise interna do texto, diríamos que em *On Truth* Ramsey defende uma tese mais forte do que a da mera compatibilidade entre a teoria da redundância e a teoria da verdade como correspondência: a teoria da redundância seria nada mais nada menos que o núcleo da teoria da verdade como correspondência. Em certo sentido, poder-se-ia dizer que *On Truth* marca uma ruptura com o Ramsey logicista de "Facts and Propositions", mediada por um certo tipo de pragmatismo, a caminho do intuícionismo dos "Last Papers".

Importa lembrar que F.P. Ramsey escreve sobre a verdade em 1927-9, numa época em que a reflexão filosófica sobre este tema era particularmente difícil. No período entre o final da I Guerra Mundial (com os trabalhos até aí desenvolvidos por Russell e Wittgenstein) e a publicação do célebre ensaio de Tarski, em 1935, "Sobre o conceito de verdade nas linguagens formalizadas" a cena filosófica anglo-saxónica estava ainda fortemente influenciada pelos representante do neo-hegelianismo britânico. Cambridge, onde Ramsey estudou e ensinou matemática, era a excepção onde se cultivava a atitude Mooreana que convidava a um (então) novo tipo de filosofar. O texto de *On Truth* permite estudar as relações entre a análise do conceito de verdade em Ramsey e a teoria da verdade de Tarski, na linha de uma intuição já presente em Frege. Ambos, Ramsey e Tarski, partem de uma definição contextual de verdade embora a definição de Ramsey seja mais primitiva que a de Tarski na medida em que se aplica apenas aos objectos proposicionais. Fica, assim, de lado a questão espinhosa das funções proposicionais e, igualmente, da teoria dos quantificadores em geral.

Contudo, em Ramsey a análise do conceito de verdade não termina mas antes começa com a sua definição. Uma das questões centrais que se colocam a Ramsey, neste contexto, é a do domínio dos objectos a que se aplica o predicado "é verdadeiro/a". Esta é uma das questões fulcrais de *On Truth* discutida sob a rubrica da "referência proposicional". A necessidade de clarificar esta noção levou Ramsey a considerar alguns aspectos da teoria pragmática da verdade como susceptíveis de integração na sua análise sobretudo quando se trata de avaliar o valor de verdade de teorias ou outras configurações mais complexas. O modo como Ramsey encarava a ciência e as teorias científicas não lhe permitiam aceitar facilmente um verificacionismo ingénuo que pretendesse legitimar os enunciados teóricos através de um conjunto de observações. A clarificação final da questão da verdade das teorias científicas dependeria, em última análise, da possibilidade de desenvolver uma teoria da indução realmente satisfatória e que permitisse a elaboração de uma lógica indutiva. Tal era a amplitude do projecto de Ramsey que ficou inacabado não só pela grandeza e imensidão da tarefa a realizar como pela sua morte prematura aos 26 anos. O texto de *On Truth* ficará como testemunho desse esforço e das qualidades de reflexão crítica e construtiva de F.P. Ramsey.

António Manuel Martins

KUHN, Thomas S. *A Tensão essencial [The essential tension: selected studies in scientific tradition and change (1977)]*. Tradução de Rui Pacheco, revisão de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989. 421 pgs.

Os ensaios contidos nesta colectânea falam por si e Kuhn indica no prefácio os elementos suficientes para os localizar temporal e teoricamente no conjunto da sua obra. Esta introdução de Kuhn é absolutamente indispensável para o leitor que quiser entender verdadeiramente o alcance de cada um dos ensaios e muito particularmente relacionar as posições expressas em cada um deles com a evolução do pensamento de Kuhn.

Lembremos apenas que o ensaio que dá o título à colectânea, publicado no cap. 9, data de 1959. Trata-se, portanto, de um texto anterior à *Estrutura das Revoluções científicas*, obra que já foi vertida para português em 1975 mas que, infelizmente, não se encontra disponível no mercado nacional. De facto, o texto de *A Estrutura* juntamente com os ensaios reunidos nesta colectânea formam a principal base textual para o estudo da concepção kuhniana da ciência e do seu desenvolvimento histórico. Mais do que insistir no comentário de cada um dos ensaios aqui reunidos ou análise das principais teses de Kuhn, gostaríamos de sublinhar dois pontos: em primeiro lugar, o carácter provisório de muitas das conclusões de Kuhn nos diversos ensaios(que, insistimos, devem ser lidos tendo em conta a informação fornecida no prefácio); a necessidade de enquadrar a reflexão desenvolvida por Kuhn no contexto mais amplo de um debate sobre a racionalidade e o papel da ciência e da técnica na vida dos homens. As questões ligadas à liberdade e autonomia dos investigadores que integram as comunidades científicas e respectiva articulação com as diversas sociedades a nível local, regional e planetário não aparecem tematizadas nos textos de Kuhn. Alguns aspectos surgem aqui e além como pressuposto da reflexão kuhniana. O ensaio onde se pode vislumbrar com maior clareza o sentido da reflexão de Kuhn sobre esta matéria é o incluído no cap. 13, "Objectividade, juízo de valor e escolha teórica".

Nos estudos mais recentes, Kuhn reconheceu expressamente a inadequação de muitas generalizações feitas em *A Estrutura* e em diversos textos publicados nesta colectânea que partiam de uma certa confusão entre o estatuto próprio dos indivíduos e o dos grupos ou comunidades. O caso mais conhecido é o das célebres experiências de Gestalt switch na percepção visual. O facto de os grupos e as comunidades científicas não poderem ter estas e outras experiências significa, entre outras coisas, que não há, em rigor, nenhum conjunto de experiências que todos os membros de uma comunidade científica devam partilhar no decurso de uma revolução científica. A descrição dos fenómenos que caracterizam a revolução científica em apreço em cada caso deve ter em conta as múltiplas e variadas experiências dos membros daquela comunidade científica, daquele grupo de investigadores e não qualquer suposta experiência de grupo. Isto não significa que Kuhn deixe de considerar a ciência como uma actividade intrinsecamente colectiva e social. Muito pelo contrário, para Kuhn é impensável reconstruí-la idealmente como um jogo de um único indivíduo. Trata-se, apenas de introduzir um pouco mais de rigor na terminologia usada, não pela simples apetência de rigor a qualquer preço mas sim porque tal, pense-se, pode ajudar de algum modo a clarificar um pouco mais algumas questões em debate. Isto é tanto mais necessário quanto é certo que a obra de Kuhn teve um impacto que ultrapassou em muito o público destinatário original, os filósofos, e atingiu não só os sociólogos e os historiadores como largas franjas nas mais diversas disciplinas. Para quem quiser ir além dessa noção difusa de paradigma e de revolução científica que encontramos hoje um pouco por toda a parte, este volume *A tensão essencial* forma um excelente complemento e aprofundamento de *A estrutura das revoluções científicas*.

António Manuel Martins